

IROKO



Ìrokò, ou ainda Loko é o nome iorubano de uma divindade fitomorfa muito cultuada entre nós. Constitui-se, de fato, na Gameleira branca (Ficus maxima M., MORACEAE), Iggì Olórum, a Árvore de Deus. É o Orixá da Árvore é a Árvore Orixá. Nela moram os Orixás, espíritos, feiticeiros e bruxas. Não se cortam seus galhos, sem antes se fazerem oferendas, ainda assim sujeito à aprovação. É o Senhor do Morim, chamado de “madrasto”. O ojá de Ìrokò deve ser colocado apenas por membros do sexo masculino.

Mitologia: Membro da família de Omolu é considerado o responsável pela ligação entre céu e terra, em virtude de suas raízes aéreas; é a árvore da eternidade, símbolo do próprio tempo. As raízes de Ìrokò são tão mágicas, que procuram nova vida quando um velho Ìrokò tomba: vão ao encontro de hospedeiros, que propiciarão o nascimento de novos Ìrokòs; daí a existência de mitos que dizem que “as árvores caminham”.

Irôko

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Irôco, também conhecido como Rôco, Iroko e Loko, é um orixá, cultuado no candomblé do Brasil pela nação Ketu e, como Loko, pela nação Jeje.

Corresponderia ao Inkice Tempo na Angola.

No Brasil, Iroko é considerado um orixá e tratado como tal, principalmente nas casas tradicionais de nação ketu. É tido como orixá raro, ou seja, possui poucos filhos e raramente se vê Iroko manifestado. Para alguns, possui fortes ligações com os orixá chamados Iji, de origem daomeana: Nanã, Obaluaiê, Oxumarê. Para outros, está estreitamente ligado a Xangô. Seja num caso ou noutro, o culto a Iroko é cercado de cuidados, mistérios e muitas histórias.

No Brasil, Iroko habita principalmente a gameleira branca, cujo nome científico é "Ficus religiosa". Na África, sua morada é a árvore iroko, nome científico "Chlorophora excelsa", que, por alguma razão, não existe no Brasil e, ao que parece, também não foi para cá transplantada.

Para o povo yoruba, Iroko é uma de suas quatro árvores sagradas normalmente cultuadas em todas as regiões que ainda praticam a religião dos orixás. No entanto, originalmente, Iroko não é considerado um orixá que possa ser "feito" na cabeça de ninguém. Para os yoruba, a árvore Iroko é a morada de espíritos infantis conhecidos ritualmente como "abiku" e tais espíritos são liderados por Oluwere. Quando as crianças se vêm perseguidas por sonhos ou qualquer tipo de assombração, é normal que se faça oferendas a Oluwere aos pés de Iroko, para afastar o perigo de que os espíritos abiku levem embora as crianças da aldeia. Durante sete dias e sete noites o ritual é repetido, até que o perigo de mortes infantis seja afastado.

O culto a Iroko é um dos mais populares na terra yoruba e as relações com esta divindade quase sempre se baseiam na troca: um pedido feito, quando atendido, sempre deve ser pago pois não se deve correr o risco de desagradar Iroko, pois ele costuma perseguir aqueles que lhe devem.

Iroko está ligado à longevidade, à durabilidade das coisas e ao passar do tempo pois é árvore que pode viver por mais de 200 anos.

Citações de pesquisadores

Bosman, em 1698 - "Ele era considerado o segundo "fetiche" em importância em Ouidah"

Le Hérissé, em 1910, deu indicações mais pertinentes sobre essa devoção.

Uma das principais árvores cultuadas era Loko (*Chlorophora excelsa*, Moraceae), que em si, não é uma árvore sagrada, apenas o sendo quando serve de assento a uma divindade. Seu nome no Daomé está sempre ligado ao do Vodun que lhe deu este caráter.

Bosman, p.394 - Existem, entre eles, três Divindades principais conhecidas em todo o país...a segunda são árvores (as outras duas são as serpentes e o mar) extraordinariamente altas e que parecem ser a obra-prima da natureza.

Contentam-se em fazer-lhes oferendas em caso de doenças e, sobretudo, nas ocasiões em que há febres.

Padre Labat, t.II: 163 - Não custa tanto (ver sacrifícios ao mar) tornar favoráveis as árvores, que são as divindades da segunda espécie. Habitualmente são os doentes que recorrem a elas. Seu poder, como todo homem de bom senso percebe facilmente, é bem pequeno ou, melhor, não é nenhum, mas cura-se a imaginação oferecendo-lhes um sacrifício.. Como, frequentemente, a imaginação é a sede da doença, a partir do momento que esta é curada, é inevitável que o doente se sinta melhor. Sacrificam-se às árvores apenas pães de milho, de milho ou arroz; o Marabu coloca-os ao pé da árvore para com a qual o doente tem devoção e ali os deixa durante algum tempo. Leva-os embora em seguida, a menos que o doente se entenda com ele para abandonar ali as oferendas, até que os cachorros, aves e porcos a comam.

Guillaume Smith, p. 141 - "Suas divindades de segunda ordem são as árvores muito velhas, pelas quais eles tem grande veneração"... Pruneau Pommegorge, p.197 - "Grandes árvores, que são árvores fetiches; o povo as reverencia e ninguém ousaria cortá-las, sem temer as piores desgraças para o país".

Richard Burton, [1], t. 4:92 - O segundo deus (após a serpente) é representado por árvores soberbas, em cuja formação a Mãe Natureza parece ter exprimido sua grande arte. Fazem-lhe orações e oferendas nas épocas de doença e,

sobretudo, de febres. As mais reverenciadas são a Hun-tin ou paineira (Ceiba petandra, Bombacaceae), cujas mulheres, a ela dedicadas, igualam em número as mulheres da serpente, e o Loko, o ordálio Edum, árvore venenosa, bem conhecida na Costa Ocidental Africana. Esta última tem poucas Loko-si ou mulheres de Loko, mas, de outro lado, possui seus próprios potes-fetiche, que podem ser adquiridos em qualquer mercado.

Skertchely, p.467 - A próxima divindade em importância é Atin-bodun cuja forma terrestre é a de diversas árvores, enquanto sua morada se situa em alguns espécimens curiosos das artes e da cerâmica, como por exemplo, uma panela vermelha, com vários orifícios, enterreda no chão e emborcada, com o fundo aparecendo, em um pequeno degrau de terra, aos pés de algum arbusto ou árvore nova, que cresce na porta de uma casa. À direita encontra-se um recipiente em forma de cabaça, com garganta e geralmente pintado de branco na parte exterior. O culto à Atin-bodun consiste na fé em seu poder de prevenção e cura das doenças, sobretudo a febre, e em oferendas de água derramada no pote. Desnecessário dizer que ele é o patrono de todos os médicos. Considera-se que qualquer árvore de grande porte é habitada por essa divindade, mas, para eles, são especialmente sagrados o Hun ou cincho, e o Lokoou árvore do veneno. Uma infusão de suas folhas é usado como ordálio para detectar todo crime oculto.

Ellis, [1], p.49 - Cópia com muita exatidão as informações de Burton e acrescenta: As árvores que são as moradas especiais desses deuses - pois não são todas as árvores dessas duas variedades (Huntin e Loko) que são honradas - são cingidas por uma guirlanda de folhas de palmeira...

Uma árvore rodeada por uma guirlanda de folhas de palmeira não pode ser cortada ou maltratada de forma alguma e até mesmo os "cinchos e Odum" que não são animados por Huntin e Loko não podem ser abatidos sem que certas cerimônias sejam realizadas. Considera-se que pertencem ao deus em algum grau ou estão sob sua proteção. Um negro que deseje cortar uma dessas árvores deve, antes de mais nada, oferecer um sacrifício de frangos e de azeite-de-dendê.

Le Hérisse - Escreve ele (p.114): "Loko ou Roco - Existem tantas lendas sobre Roco quanto sobre os Vodun, sob cujo nome aparece esta árvore: Adanloko, Atanloko, Lokozoun etc. " .

Melville Herskovits, [1], t.II:108 situa seu estudo particularmente em Abomé e encara Loko sob o estrito ponto de vista dos integrantes do "Panteão do céu" , onde, diz ele:

...este deus é importante para a compreensão da religião daomeana, na medida em que oferece uma visão das inter-relações dos diversos cultos no Daomé. Entre as divindades do céu, Loko é encarregado de cuidar das árvores que se encontram na terra e suas funções são de tal modo significativas que ele tem como assistente seu jovem irmão , Medje.

As árvores têm alma e são associadas aos espíritos denominados Aziza, que, por um lado, dão a magia aos homens, por outro, são associados ao culto dos antepassados.

Que Loko seja o deus das árvores e que as árvores tenham uma alma explica a importância do emprego das folhas na prática medicinal e religiosa no Daomé e estabelece a declaração de um informante, sacerdote: "Se alguém souber o

nome e a história de todas as folhas da mata, saberá tudo o que existe para saber a respeito da religião daomeana".

Alexandre Adandê [1], indica que no bairro de Tenji, em Abomé, Alantan Loko seria o Orísa Oko dos yoruba.

Pierre Verger - Não pude apurar muita coisa sobre os cultos realizados pelos fon aos Vodun cujo nome é associado ao de Loko, a não ser o fato de que eles parecem desempenhar um papel secundário, acompanhando um Vodun mais importante, ao mesmo título que Legba, Gun ou Dan e dos quais trazem o nome, seguido de Loko. Iroko, até certo ponto, parece estar ligado a Esu Elegba. Cantigas para Esu fazem alusão a Iroko e à sua ação calmante". No entanto, não sei muitas coisas mais.

Nina Rodrigues, [1], p.53, no Brasil, diz que: A fitolatria africana na Bahia parece ter duplo sentido. A árvore pode ser um verdadeiro fetiche animado ou, ao contrário, mal representa a morada ou altar de um santo. A gameleira branca (*Chlorofora excelsa*), árvore abundante neste Estado, é o tipo da planta deus. Com o nome de Iroco é objeto de um culto fervoroso. Mais de uma mãe de terreiro exortou-me a jamais permitir que se abatesse uma gameleira em um terreiro de minha propriedade, pois tal sacrilégio foi causa de grandes infortúnios para muita gente...

Precauções: Não se visita um pé de Ìrokò após as 18h00, horário-limite para que se façam oferendas a essa árvore orixá: ao escurecer, ela passa a ser local de encontro de feiticeiros e bruxas, de espíritos de todos os tipos.



Elemento: Fogo, Terra e Ar.

Dia da Semana: Terça-feira.

Semana Yorubá: Ojo Isegun.

Cor: Verde rajada de marrom ou acinzentada.

Saudação: Ìrokò érò.

Adorador: Omoìrokò.

Metal:

Mineral: Madeira petrificada.

Pedra Preciosa:

Profissão:

Poder: Patrono da Liberdade e da pobreza, também divide com Esù e Ogun o domínio das estradas e vias públicas.

Fruto: Obi, orogbo.

Flor:

Comida seca: farofa de dendê, muito milho branco, acaçás, amalá preparado com quiabos de 05 quinas, bojudos e finos. É o dono do Oti (cachaça) indispensável em suas oferendas.

Aves: galo, galinha de angola, pombo.

Quadrúpedes: bode.

Èèwò:

Símbolos: Lança, gameleira, bengala, espanador de palha e gorro de palha.

Indumentária: Branca.

Ritmos: Adahun, Hamunyia,

Folhas: oriri, jarrinha, barba de velho, mãe boa, crista de galo, para raio, erva prata, nega mina, branda fogo, folha de abi, folha iroko ou gameleira.

Arquétipo: Seus filhos têm tipo vigoroso, o temperamento turbulento, a agressividade, a capacidade de liderança e o gênio imperioso e preponente. As pessoas de Ìrokò são: eloqüentes, ciumentas, camaradas, inteligentes, competentes, muito ferinas, teimosas, turronas e generosas. Gostam de ensinar, de viver, de comer e de beber: o filho de Ìrokò é excelente cozinheiro, gosta de inventar receitas e de experimentá-las com os amigos. Também adora comemorar o aniversário, é ladino, sensual (se apaixona com facilidade), adora

telefonar, dançar, liderar e “não se incomoda de pagar a conta, se tiver dinheiro”. Têm a inteligência aguda e o pioneirismo de Ogum; o charme e a transgressão apaixonada de Oyá; a eloquência de Xangô; a teimosia de Oxoguiã; a perspicácia de Oxossi; a sabedoria de Oxumarê-Bessem e a magia própria que os torna temidos e respeitados.

Cargo no culto a Irokò:

Sincretismo: São Francisco

IROKO: seus mitos, seus fundamentos.

1-MITOS

1.1- Iroko salva Orunmila de Iku.

Iku vivia perseguindo Orunmila, que na beira do rio igbojare, cansado encostou-se numa grande árvore e fez um pedido a Oloodumare, quando Iku estava perto de alcançá-lo, no céu apareceu um arco-iris e, na cor branca do arco-íris, surgiu Iyewa.

O espírito da árvore, disse à Iyewa que fosse para beira do rio e fingisse estar lavando roupas, que por ali passaria Iku. O espírito daquela árvore, disse também, à Orunmila, que seu nome era Iroko Naigela, arriando todos os galhos da árvore sobre Orunmila. Quando Iku chegou ao rio, encontrou Iyewa, que refletiu sobre ele a cor branca de Oxalá. Iku ficou momentaneamente aturdido e, caminhando na direção de Iroko, parou e perguntou à Iyewa, se tinha visto alguém passar por ali. Iyewa, lhe disse, sabe quem sou eu? _Ele disse, sei, tu és Iyewa, esposa de Oxumare.

Iyewa, respondeu que viu sim, e, que tinha ido por ali, indicando o caminho errado a Iku. Quando Iku deu um passo para traz, Iroko rolou sua grossa raiz e derrubou Iku no chão. Neste momento Orunmila trocou de esconderijo, passando para baixo das saias de Iyewa. Iku pensou ter tropeçado. Iroko o levantou, então, Iku lhe disse: Iroko, pelo seu ato de levantar-me, atenderei um pedido seu. Iroko falou à Iku, que debaixo dos seus galhos havia um encantamento que não deveria ser tocado por ele, nem por ninguém. Iroko disse, que Iku deveria deitar-se no chão, para não esquecer o prometido e, assim, Iku fez. Este era o momento esperado por Iroko, que o prendeu em suas grossas raízes.

Orunmila saiu do seu esconderijo e, Iku tentou agarrá-lo, mas não conseguiu, pois estava bem preso nas raízes de Iroko. Orunmila, agradeceu à Iyewa, que neste momento cria em pensamento um pedido, um grande desejo.

Orunmila lhe diz : Iyewa, tu serás mãe. E isto, era justamente o que ela pensava e desejava.

Iroko disse à Iku, que tentava furioso, se libertar: _só te levanto do chão, se retirar este “ijuju” que tens em seu pescoço e amarrar no meu tronco.

Para se libertar, Iku atendeu ao pedido de Iroko, as raízes se abriram e, Iroko levantou a morte do chão.

Iroko amarrou o “ijuju” de Iku, no pescoço de Orunmila, para lhe servir de proteção contra o próprio Iku.

Iku se afasta do rio. Orunmila e Iyewa encontram Obaluaiye e, seguem caminhando.

Com este poderoso feitiço pendurado em seu pescoço, Orunmila estava livre das persseguições de Iku.

OBS:o “ijuju” consiste num saco, contendo um poderoso feitiço, que a morte trazia pendurada em seu pescoço.

1.2-A briga de Ogun e Oshumare. E como Iroko salvou seu Irmão.

Ogun ao encontrar Oshumare, levantou seu facão para agredi-lo. Neste momento, Iroko joga todas as suas folhas sobre Ogun e Oshumare. Isto, deixou Ogun atordoado e ele acabou se confundindo, deixando que Oshumare se enrolasse nas folhas.

Ogun saiu das folhas furioso e muito aturdido, por mais que procurasse, não encontrava Oshumare no meio das folhas. Ogun se foi furioso. Assim, Oshumare escapou da fúria do guerreiro do aço, graças a artimanha de Iroko.

1.3- A Importância de Iroko, para a vida.

Oloodumare, disse à todos os Orixás, que para que pudessem se estabelecer na terra, deveriam colocar dentro de um pote, um pouco de cada axé pertencente à eles.

E oferecer estes potes, à Iroko. Ao fazer a oferenda, cada um seria abençoado com uma pomba branca de Oloodumare. E, a mistura desses axés, permitiria a vida deles na terra.

Iroko, pássaro que se transformou numa árvore, a última das árvores do tempo em que elas andavam e falavam. Tempo dos primeiros Orixás, como: Oxalá e Nanã, aos quais os espíritos das árvores deram vida e permitindo-lhes o crescimento e a multiplicação.

1.4- Porque Iroko coça-se, rolando no chão?

O Orixá Iroko, quando virado em seu elegun, vai ao chão, coçando-se todo e rolando sobre a terra, pedindo à Ogboni para retirar dele, as formigas e insetos que o atormentavam, picando seu corpo.

Estando Iroko no oco da grande árvore, muitos insetos lhe picam, por isso, Iroko vive à se coçar.